

moralizada ajustada  
pensada sagrada  
útil intensa

# A vida que vale a pena ser vivida

Clóvis de Barros Filho  
e Arthur Meucci

prazerosa  
socializada  
útil  
tranquila  
ajustada  
potente  
sagrada  
pensada  
intensa



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



*Clóvis de Barros Filho*  
*Arthur Meucci*

A vida que vale a pena  
ser vivida



**Dados Internacionais de Catologação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Barros Filho, Clóvis de

A vida que vale a pena ser vivida / Clóvis de  
Barros Filho, Arthur Meucci. – Petrópolis, RJ :  
Vozes, 2012.

Bibliografia.

ISBN 978-85-326-4484-8 – Edição digital

1. Atitude (Psicologia) 2. Conduta de vida  
3. Mudança de vida 4. Sucesso I. Meucci, Arthur.  
II. Título.

10-02100 CDD-181.0956

Índices para catálogo sistemático:

1. Conduta de vida : Filosofia de vida  
181.0956

© 2010, Editora Vozes Ltda.  
Rua Frei Luís, 100  
25689-900 Petrópolis, RJ  
Internet: <http://www.vozes.com.br>  
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

### **Diretor editorial**

Frei Antônio Moser

### **Editores**

Aline dos Santos Carneiro

José Maria da Silva

Lídio Peretti

Marilac Loraine Oleniki

### **Secretário executivo**

João Batista Kreuch

*Editoração:* Dora Beatriz V. Noronha

*Projeto gráfico:* AG.SR Desenv. Gráfico

*Capa:* 2 Estúdio Gráfico

ISBN 978-85-326-4484-8 – Edição digital

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

## *Advertência*

Você ainda está na livraria. Tomou este livro da estante para folhear. Atraído pelo título. A caminho do caixa. Não se precipite.

Você supõe que a leitura oferecerá soluções para a sua vida. Que resolverá seus problemas. Ou ao menos justificará sua tristeza. Que os 10 capítulos sejam dicas inéditas e preciosas para se dar bem daqui para a frente. Receitas de gurus consagrados de além-mar. Que você acaba de descobrir um tesouro. Que finalmente o segredo do sucesso será revelado.

Saiba que você está equivocado. Este livro não atende às suas expectativas. Sua leitura não trará soluções. Nele você não encontrará nenhuma dica ou artifício para se dar bem. Por ele, o sucesso continuará dos outros. Fora do seu alcance.

Portanto, feche o livro para não perder mais tempo. Recoloque-o imediatamente na estante. No lugar de onde tirou. Outras obras, ao lado, atenderão melhor este seu anseio.

Deixe este exemplar para outro leitor. Menos esperançoso. Mais desconfiado dos programas de excelência existencial. Que, se funcionassem, já teriam erradicado a tristeza do mundo. Ele talvez intua que o sucesso não tem fórmulas secretas. Que se a liderança passo a passo fosse eficaz, todos já seriam líderes. Ele provavelmente se dá conta de que fórmulas indiscutíveis escravizam. De que a soberania para deliberar sobre a própria vida – com todos os riscos – é nosso único verdadeiro patrimônio. Inalienável.

Para ele escrevemos. Oferecendo reflexão crítica sobre os critérios existenciais mais consagrados. Para que possa resistir, cada vez melhor, contra todo tirano que pretenda empurrar-lhe goela baixo a vida que vale a pena.

## *Considerações de andamento*

Querido leitor. Proponho uma conversa. Sobre a vida. Sobre a melhor maneira de viver. Mas como infelizmente não estamos juntos, só me resta deduzir suas intervenções. Em parte, são as mesmas de meus alunos. Mas coincidem também com as dúvidas que eu mesmo tive na leitura dos clássicos. Perguntas que teria feito a seus autores, se me concedessem uma aula particular.

Todo discurso tem um ou mais interlocutores. Muitas vezes, são pessoas dispostas a nos ouvir. Mas em outras, esse interlocutor está em nós. E com ele dialogamos. Num auditório íntimo. Nas páginas que seguem, esta pluralidade de vozes fica registrada. Polifonia a serviço de um melhor entendimento. Porque alguns autores, com quem vamos conversar, não são mesmo muito fáceis. Todo esforço didático é bem-vindo.

Aproveito para me apresentar. Você já deve ter deduzido. Sou professor. 100% do tempo. Informação que desperta ternura. Ou pena. Para os que conhecem melhor as condições materiais da docência. Alguns alunos me perguntam se eu também trabalho. Orgulhosamente esclareço que não. Vivo deste *hobby*. De ensinar. E de escrever livros como esse.

– Professor do quê? Intervém você pela primeira vez.

De ética. Já sei, anda em falta. O que não é necessariamente ruim. Afinal, se o psiquiatra precisa do louco e o dentista do cariado, o professor de ética precisa de canalhas. Uma eventual extinção destes últimos poderia determinar o fim da disciplina. E do ofício de professor.

Minha formação primeira em graduação foi Direito. Simultaneamente, Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. E, só depois, muito depois, quando já era doutor, Filosofia. O resto é bem convencional: mestrados, doutorados, livres-docências e tudo mais que nós professores universitários fazemos para distrair a existência. Hoje, sou filiado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Conhecida como ECA. É lá que você poderá me encontrar. Se quiser. O primeiro convite é para um café. Nas dependências da Cidade Universitária. Em São Paulo.

Apresento também meu colaborador: Arthur Meucci. Coautor deste livro. Somos amigos. E isso importa para uma vida boa. Bacharel, licenciado e mestre em filosofia. Profissional de análises psíquicas. Psicanalista. Clínico e solicitado conferencista. Fomos colegas no curso de Filosofia. Já nesta condição, três coisas me chamavam atenção: erudição filosófica, capacidade para abstrações e grande talento para os seminários.

Lembro-me de quando apresentamos juntos, pela primeira vez, um seminário. Era uma quarta-feira, dia 12 de setembro de 2001. O dia seguinte. O atentado era o único tema. Mas nós fomos fiéis ao seminário: o capítulo I do livro II da Física aristotélica. A resposta de Tomás de Aquino a Aristóteles – explicada por Arthur – manteve a plateia em êxtase. Afinal, enquanto fora dali, muitos antecipavam o fim do mundo, naquele auditório a questão tratada era: se uma cama adquirisse a potência de parir, o que ela pariria? Outra cama? Um berço? Uma bicama? Um colchãozinho? Fechei o seminário falando sobre a privação de visão em um

olho cego. Inesperadamente fomos aplaudidos de pé. Por essas e outras tornou-se meu professor substituto.

Juntos, diante das páginas brancas do processador de texto projetadas no telão, fomos registrando o que enunciávamos. Primeiro, para nossa própria diversão. Depois, para compartilhar com você. Os exemplos cotidianos são meus. Bem como a narrativa, em primeira pessoa. Meu colaborador segue obediente à ética psicanalítica.

Agradeço a todos aqueles que se dispuseram a ler o texto antes da sua publicação. Gustavo, Felipe, Marcio, Marina, Avelino, Onofre, Ana, Adriana, Karina, Roseani, Heloisa, Ricardo, Sergio, Regina. Esperava somente aplausos. Mas as sugestões foram tão numerosas e pertinentes que não pude levá-las muito em consideração. O livro teria que ser outro. Muito melhor, certamente. Mas o prazo editorial me constrangeu às páginas que seguem.

Antes de ser livro, a vida que vale a pena foi curso. Em dez aulas. Correspondentes aos capítulos que vão ler. De duas horas cada. Por isso, esse jeito meio falado de escrever. Foi também palestra. Assistida por mais de 150 mil pessoas nos últimos 3 anos. Empresas, instituições públicas, faculdades, comitês de ética, ONGs, e tantos outros espaços. A apresentação das ideias centrais de cada capítulo foi se acomodando às necessidades de nossos anfitriões. Nestas páginas, alguns textos clássicos foram selecionados e dispostos em boxes, para que o leitor possa identificá-los mais rapidamente.

Seu conteúdo parte de uma inquietação. A denúncia das soluções facilitadoras da vida. Sua lógica social de enunciação. Seus porta-vozes. Seus interesses. Seus espaços de disputa. Povoados por contendores de formação muito heterogênea. Charlatães de distintas fardas. Uma verdadeira sociologia da felicidade. Que apresenta os movimentos de uma batalha sem fim. Pela definição das condições legítimas da vida boa.

Mas esta sociologia das reflexões sobre a vida é só a origem deste trabalho. Coube-nos, na sequência, a fundamentação teórica desta denúncia. Para isto, recorreremos a alguns pensadores consagrados. Que fizeram escola. E que também deixaram traços sobre o senso comum, até hoje. E você, leitor, ajudou-nos muito a entendê-los melhor. Essa investigação foi merecendo um interesse crescente entre os alunos. E ocupando um espaço significativo em meu programa.

Interesse compreensível. Porque nem sempre é fácil escolher a melhor das vidas. Para optar por uma, temos que preterir muitas outras. Todas que passarem pela nossa cabeça. Segundo critérios de cuja eficácia não temos nenhuma certeza. Nem poderíamos ter. Daí a angústia. Uma tristeza muito particular. Por não identificar – dentre as vidas cogitadas – a melhor para viver. Angústia que é marca registrada do homem. Da qual, aparentemente, estão poupados o gato, o pombo e os demais não humanos. Como a pera.

Seria curioso, uma pera angustiada. Na iminência de se despregar da pereira, cogita permanecer no galho. Só por mais um dia. Por conta das chuvas e do solo enlameado. Essa mesma pera, dias depois, decide esticar sua estada e propõe à pereira permanecer no galho até seu apodrecimento. Afirma não ter nada que fazer lá embaixo. Por terra. Não lhe agrada a ideia de ser comida pelo primeiro transeunte faminto. Proposta prontamente aceita. De uma pera que terminou por apodrecer na pereira.

E você, leitor, dá uma risadinha de escárnio.



– Historiazinha estúpida. Coisa de filósofo.

Pode ser. Mas eu tenho um filho. De 22 anos. Cursa o último ano de publicidade e propaganda. Escola reputada em São Paulo. Trabalha com importação de produtos franceses. Marketing de luxo. Já ganha bem. Mais do que eu, sempre distante do *marketing* e afastado de qualquer luxo. Militante da educação.

Muitas vezes me pergunto quando esse meu filho optará por viver só. Fazer carreira solo. Eu, na sua idade, já cuidava da vida longe de casa. Sem a metade das condições materiais que são as dele. No entanto, quando ele conversa comigo sobre seu futuro, deixa claras suas intenções:

– Como sou feliz aqui, morando com você!

Diferentemente do que acontece com uma pera normal, dessas que caem quando têm que cair, meu filho delibera para viver, faz suas escolhas. Instante a instante. Joga no lixo infinitas possibilidades existenciais em nome de uma única vida de carne e osso. Não haverá de ser fácil. E, mesmo que, nesses momentos de balanço existencial, conclua que a vida é feliz, a angústia o acompanha. Por enquanto é pera, pleiteando apodrecer na pereira.

Esse fardo, que é de todos nós, de ter que deliberar sobre a existência – mesmo sem saber muito bem como – faz lembrar uma das primeiras aulas do curso semestral de ética. Os alunos provêm de muitas unidades da universidade. Para alguns, a disciplina é obrigatória e, para outros, optativa. A aluna do terceiro ano de jornalismo ergue o braço.

– Essa coisa de angústia, eu sei bem do que se trata!

Fiquei surpreso com a intervenção. Afinal, aquela jovem, de passado glorioso – o êxito no vestibular atesta – e de futuro auspicioso – a empregabilidade dos egressos em jornalismo não é baixa, apesar da concorrência – poderia ter da vida uma perspectiva mais ingênua. Interessei-me pelo que tinha a dizer. Inquiri sobre as razões da sua convicção. Sobre a certeza da angústia. E ela, sem delongas, foi logo relatando o seguinte episódio:

– Professor eu tenho um namorado. Ele faz Poli (Faculdade de Engenharia da universidade). Mecatrônica, continuou ela. Nós nos damos muito bem. Somos um casal feliz, como se costuma dizer. No ano passado, eu o convidei para vir comigo a um evento esportivo universitário, que ia rolar em Avaré. Argumentei que era semana da pátria. Que não haveria aula. Que iríamos nos divertir. Mas ele, irreduzível, insistia em ficar estudando.

– Tenho que terminar esse robozinho até o final da próxima semana, disse ele com sincera preocupação.

Pois bem. Fui sozinha. E lá chegando, percebi que o esporte ali era atividade secundária. Que a maioria só estava a fim de sacanagem. Que o sexo rolava solto. Foi quando um rapaz, apeteçível, de capital estético indiscutível, musculatura saliente – muito diferente do meu mirrado mecatrônico – propôs uma cópula furtiva. Uma bimbada mágica. Garantiu que desapareceria imediatamente após o coito. Sem deixar sequelas sentimentais. Nem rescaldos afetivos. Higienicamente.

Professor, quando ele me propôs aquilo, não pude me impedir de lembrar do senhor. (Pensei que ela fosse falar do mecatrônico.)

– Não entendi onde é que eu entro nesta história.

Indaguei com firmeza, para dirimir suspeitas.

Quando o senhor diz que o mundo não sai da frente, que a vida não está pronta, que da vida não tiramos férias, que não há gabarito para a vida, que – independentemente da escolha – sempre pairará a suspeita do erro, o arrependimento. De quem mais eu iria me lembrar?

Afinal, dar ou não dar? Eis o dilema que se apresentava. Sinuca de bico. O que me ocorreu primeiro foi dar. Mas logo vi que ia me arrepender. Afinal, não se acha alguém como o mecatrônico, por aí, a toda hora. Apresentou, então, uma longa lista de virtudes. Impressionou a ênfase ao atributo “fiel”.

Então, restou-me não dar. Mas, aí, talvez me arrependesse também. Afinal, ao longo da vida, vamos todos aprendendo a deduzir, com maior ou menor precisão, o quanto valem no mercado dos atributos estéticos. E não seria de se estranhar se passasse o resto da minha vida sem receber proposta tão interessante.

E você, leitor, pede o fim do relato. Lamento. A moça pôs um ponto final e não revelou a sua deliberação. Talvez para evitar a exposição das personagens da trama, ausentes naquele momento. Talvez porque o final do relato não tivesse mesmo a menor importância. Afinal, fosse qual fosse sua deliberação, a vida teria sido triste.

Mas tudo que disse a aluna é lapidar para entendermos a tal da angústia. Não há mesmo como saber, qual a melhor solução. Dependendo do critério – ou valor – que a moça adotasse, a melhor conduta seria uma ou outra. Assim, poderia decidir em função do máximo de prazer imediato. Opção legítima. Porque a dor, seu contrário, é sempre menos interessante. Seguindo este critério, a jovem teria que deliberar pela cópula.

Mas o critério poderia ser outro. Como o respeito por compromissos assumidos em nossas múltiplas relações, em especial com pessoas que amamos e com as quais pretendemos interagir por muito tempo. Neste caso, a vida teria que ser outra. A castidade. Legítima só porque prometida. Em manifestação livre. Geradora de expectativas e de engajamentos alheios.

E mesmo que nossa querida aluna tivesse chegado a uma solução feliz, que lhe parecesse indiscutivelmente boa para aquele episódio, a mesma angústia de dano iminente continuará presente, ao longo das situações vindouras que lhe couber enfrentar.

Percebendo a pluralidade de critérios e a incerteza para deliberar sobre a vida, a aluna fez um pedido:

– Professor, o senhor poderia oferecer um curso – só para os interessados – sobre os critérios da vida boa. Seus fundamentos e suas fragilidades. É possível? Poderíamos nos reunir fora do horário de aula. O que o senhor acha?

Como negar reflexão a um aluno que quer aprender? Aceitei alertando para minhas limitações. Preparadas as aulas, o livro é sua adaptação escrita. Destinado a todo mundo. Todo mundo que vive. E já se deu conta de que não é muito fácil viver bem. Adequado aos não iniciados neste tipo de reflexão. O livro pega você pela mão e pretende não largar. Adequado também aos iniciados. Que já conhecem suas ideias centrais. Pela singularidade da

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

